



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

ROBSON MANOEL FERREIRA DA SILVA

**COLONIZAÇÃO E CONQUISTA DA PARAÍBA: UM DIÁLOGO ENTRE
QUADRINHOS E HISTORIOGRAFIA**

**GUARABIRA
2022**

ROBSON MANOEL FERREIRA DA SILVA

**COLONIZAÇÃO E CONQUISTA DA PARAÍBA: UM DIÁLOGO ENTRE
QUADRINHOS E HISTORIOGRAFIA**

Artigo apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em História.

Área de concentração: Historiografia, Literatura e Mídia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Robson Manoel Ferreira da.
Colonização e conquista da Paraíba [manuscrito] : um diálogo entre quadrinhos e historiografia / Robson Manoel Ferreira da Silva. - 2022.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima , Departamento de História - CH."

1. Quadrinhos. 2. História da Paraíba. 3. Historiografia. 4. Arte. I. Título

21. ed. CDD 981.33

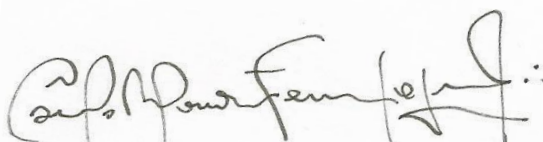
ROBSON MANOEL FERREIRA DE LIMA

COLONIZAÇÃO E CONQUISTA DA PARAÍBA: UM DIÁLOGO ENTRE
QUADRINHOS E HISTORIOGRAFIA

Artigo apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Área de concentração: Historiografia, Literatura e Mídia

Aprovado em: 18 / 07 / 2022 .



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa.Dra.AlômiaAbrantes da Silva (Avaliadora)
UniversidadeEstadual da Paraíba (UEPB)



Profa.Dra. Luciana Calissi (Avaliadora)
UniversidadeEstadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e consumidor da fé, por ter me dado graça, misericórdia e força para conclusão deste artigo e curso.

A minha querida esposa Suelen, pelo incondicional apoio, companheirismo, lealdade e cumplicidade e por compartilhar comigo a missão de educar a nossa pequena Helena.

A minha mãe Rejane, mulher simples e trabalhadora, um verdadeiro porto seguro.

Ao meu irmão Rubens, que tem desempenhado papel singular em minha vida, a sua esposa Islaine e sua linda Ana Beatriz.

Aos amigos de longa caminhada que me acompanham desde o ensino fundamental, em especial a Everton, homem de Deus, que me auxiliou muito neste curso e em especial na produção deste artigo, ocupando um cargo de co-orientador.

Aos professores que tive durante a graduação, pela paciência e compreensão dedicadas, em especial ao meu orientador o professor Carlos Adriano por ter desempenhado tal função com dedicação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 –** Fala dos “heróis” do capítulo.....pg. 12
- Figura 2 –** Cena de batalha entre portugueses e potiguaras.....pg. 13
- Figura 3 –** Cena do forte de São Felipe e Santiago, no momento de sua destruição e suas ruínas atuais.....pg. 17

SUMÁRIO

1	Introdução.....	pg. 02
2	As histórias em quadrinhos – uma percepção da arte ao longo dos tempos.....	pg. 04
2.1	Definição e Origens.....	pg. 05
2.2	O preconceito com as Histórias em Quadrinhos.....	pg. 07
2.3	A História Cultural e os quadrinhos como fonte histórica.....	pg. 09
3	História da Paraíba em quadrinhos – um cotejamento entre o quadrinho e os livros sobre a conquista da capitania da Paraíba.....	pg. 10
4	Considerações finais.....	pg. 20
5	Referências.....	pg. 22

COLONIZAÇÃO E CONQUISTA DA PARAÍBA: UM DIÁLOGO ENTRE QUADRINHOS E HISTORIOGRAFIA

COLONIZATION AND CONQUEST OF PARAÍBA: A DIALOGUE BETWEEN COMICS AND HISTORIOGRAPHY

Robson Manoel Ferreira da Silva*

RESUMO

Este artigo expressa a ideia que os quadrinhos são fontes históricas legítimas, sendo um objeto de pesquisa historiográfica após o advento da História Cultural que ampliou a percepção do sentido de fonte histórica. Esta pesquisa é alicerçada no fato de que há um potencial historiográfico nos quadrinhos e por isso parte de um estudo da obra *História da Paraíba em Quadrinhos* de Emilson Ribeiro e Emir Ribeiro, promovendo um cotejamento entre os elementos explorados no quadrinho, em especial analisando os fatos que levaram a colonização e conquista da Capitania da Paraíba, com textos de José Octávio e Eliete Gurjão extraídos de obras literárias reconhecidas nos espaços de saber corroborando que os elementos apresentados nos quadrinhos espelham os fatos narrados por estes aclamados pesquisadores. Partindo desta premissa há uma investigação historiográfica da narrativa dos quadrinhos ao longo dos tempos, perpassando por sua origem e definição, passando pelos aspectos responsáveis por sua popularização a partir da década de 1930 e os fatores que levaram os quadrinhos a sofrer com preconceito nas Academias.

Palavras-chave: Quadrinhos. História da Paraíba. Historiografia. Arte.

ABSTRACT

This article expresses the idea that comics are legitimate historical sources, being an object of historiographical research after the advent of Cultural History that broadened the perception of the sense of historical source. This research is based on the fact that there is a historiographic potential in the comics and therefore part of a study of the work *História da Paraíba em Quadrinhos* by Emilson Ribeiro and Emir Ribeiro, promoting a comparison between the elements explored in the comic, especially analyzing the facts that led to the colonization and conquest of the Captaincy of Paraíba, with texts by José Octavio and Eliete Gurjão extracted from literary works recognized in the spaces of knowledge corroborating that the elements presented in the comics mirror the facts narrated by these acclaimed researchers. Starting from this premise there is a historiographical investigation of the narrative of the comics over time, going through its origin and definition, going through the aspects responsible for its popularization from the 1930s onto the factors that led the comics to suffer from prejudice in the Academies.

Keywords: Comics. History of Paraíba. Historiography. Art

*Aluno concluinte no curso de Licenciatura Plena em História pela UEPB
robson.ferreira@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu de uma admiração pessoal pelo gênero dos quadrinhos, predileção esta compartilhada por muitos que já assistiram filmes de super-heróis da Marvel ou da DC, por meio de seus estúdios distribuidores Disney e Warner respectivamente, ou cresceram assistindo animações japonesas como Cavaleiros do Zodíaco, Jaspion e Changeman que eram transmitidas na extinta TV Manchete. Para dar vazão a esta paixão veio a ideia da utilização de Histórias em Quadrinhos que já possuía em minha modesta coleção com o intuito de observá-las sob a ótica de um historiador, problematizá-las, a fim de utilizá-las como uma fonte histórica. Obras profundas como *Do Inferno* e *Watchmen* do aclamado escritor britânico Alan Moore, *Nova York* do gênio Will Eisner foram as primeiras opções, mas estas já gozam de ampla biografia que as dissecaram de maneira bastante satisfatória, a atenção então se voltou para uma volumosa coleção de mangás (quadrinhos de origem japonesa) contendo uma centena de volumes, porém estes compunham, em sua maioria, obras que eram lidas apenas para deleite casual, sem compromisso com veracidade de lógica humana ou fatos históricos, como *Bleach* de Tite Kubo ou *Naruto* de Masashi Kishimoto, outras obras mais densas como *Lobo Solitário* de Kazuo Koike demandavam um amplo conhecimento da história japonesa, o que não é a especialidade deste que escreve. Dentre os quadrinhos analisados o que mais despertou o interesse foi a obra que aqui será esmiuçada e posta em comparação com livros já consagrados no meio acadêmico, com o pretense e espectral objetivo de expor a confiabilidade e o grande potencial de penetração desta mídia no público de estudantes do curso de história, em especial àqueles que aspiram uma maior compreensão da história da Paraíba.

As histórias em quadrinhos são utilizadas para a compreensão do contexto histórico, social e político de determinado período, como fonte de conhecimento o uso dessas histórias em quadrinhos (HQ'S) podem ajudar na compreensão de diversos assuntos que são de interesse do estudo historiográfico, podemos citar obras como *Maus* de Art Spiegelman, uma obra prima que é muito utilizada para entender a Segunda Guerra Mundial em especial no que tange as relações humanas, em *V de Vingança* de Alan Moore, vemos os perigos de um governo extremista ter em mãos o poder de uma nação, algo tão crível no Brasil atual onde somos governados por um regime direitista que possui muita similaridade com o que é trabalhado nesta HQ, além de outras que relatam muito bem a história local, como as obras do quadrinista paraibano Shiko, que na reconhecida *Piteco – Ingá*, o autor traz o personagem criado pelo Maurício de Souza Pithecanthropus Erectus da Silva (Piteco), para a Paraíba e ambienta esta história em um dos locais mais incríveis e enigmáticos de nosso estado, a pedra de Ingá, outro exemplo disto é o que estaremos trabalhando neste artigo. Sabendo disto, iremos analisar este potencial viés historiográfico das hq's.

Em pesquisa de 2019, encomendada ao IBOPE pelo Instituto Pró-livro constataram que as HQ estão entre as nove atividades artísticas e culturais de interesse do público que frequentou a XIX Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro e da Flup (Festa Literária das Periferias). Mesmo gozando com tal relevância e penetração entre um público de leitores assíduos, as histórias em quadrinhos não aparecem com frequência dentro dos componentes curriculares de história, ou são tratados como uma fonte histórica recorrente e legítima. Tendo isto em vista, este artigo se propõe a mostrar que os quadrinhos são uma fonte de pesquisa viável para

se compreender a história, principalmente lançando luz a um tema que sofre com considerável ostracismo dos livros didáticos, a história da Paraíba.

Tal artigo propõe-se a ser uma obra lida por pesquisadores de história que queiram utilizar os quadrinhos como fonte histórica para trabalhar com temáticas como a da história da Paraíba, e isto passa a ser possível com a introdução da História Cultural, uma vertente historiográfica caracterizada pela pluralidade de fontes históricas e que abarca os quadrinhos como uma fonte legítima.

O método de pesquisa consiste numa averiguação bibliográfica que será realizada por meio da análise de algumas, obras sendo as norteadoras deste artigo, *A História da Paraíba em Quadrinhos* de Emilson Ribeiro e Emir Ribeiro, selecionando passagens, em especial as que estão nos sete primeiros capítulos que trazem como eixo central a colonização e conquista da Paraíba estabelecendo uma comparação com a historiografia mencionada em dois livros, que são os dos professores José Octávio de Arruda Melo, em sua obra *História da Paraíba, Lutas e Resistências*, dando uma ênfase ao seu primeiro capítulo que traz como pano de fundo a origem da Paraíba, realizando uma ponderação aos eventos e personagens envolvidos na colonização da Paraíba, e de textos da professora Eliete de Queiroz Gurjão extraídos de uma coletânea de textos organizada pela mesma e por Damião de Lima intitulada *Estudando a História da Paraíba*, focando a atenção no terceiro capítulo onde serão trabalhadas, a resistência indígena e dominação do litoral paraibano, perpassando os fatos que envolveram a colonização e conquista da Paraíba.

A abordagem utilizada para a realização deste artigo foi uma pesquisa qualitativa, onde foi realizada uma análise crítica das obras citadas, utilizando o método hipotético-dedutivo para esta pesquisa, na tentativa de estabelecer hipóteses para elucidar a problemática deste artigo.

Tal pesquisa tem como objetivo geral analisar que a História Cultural é responsável pela intersecção entre os quadrinhos e a historiografia, demonstrando a importância das Histórias em Quadrinhos como uma fonte histórica relevante para o estudo e compreensão da história da Paraíba principalmente no que se refere ao período da criação da Capitania da Paraíba até a efetiva colonização portuguesa em nosso território, enfatizando os constantes conflitos envolvendo portugueses, potiguaras, tabajaras e franceses, fazendo o uso da *História da Paraíba em Quadrinhos*, obra do Emilson Ribeiro e de Emir Ribeiro, estabelecendo um recorte que se estende do primeiro ao sétimo capítulo desta obra. Além disto, há como objetivos específicos, uma definição de Histórias em Quadrinhos, citando sua origem, relatando que se trata de um estilo de arte, como se enquadram dentro do estudo historiográfico, além de entender porque sofreram com o preconceito na nossa sociedade ocidental.

O artigo possui dois capítulos, sendo o primeiro dedicado a um trabalho historiográfico acerca dos quadrinhos, realizando uma análise acerca de uma percepção da arte visual ao longo dos tempos, este primeiro capítulo se subdivide em três sessões que tem como objetivo definir e estabelecer as origens das histórias em quadrinhos, debater o preconceito pelo qual passaram ao longo dos anos e estabelecer uma relação entre os quadrinhos e as escolas historiográficas, dando um destaque para a História Cultural. O segundo capítulo tem como tema central a colonização e conquista da Capitania da Paraíba por meio da *História da Paraíba em Quadrinhos*, os textos da professora Eliete Gurjão extraídos do livro *Estudando a História da Paraíba: uma coletânea de textos didáticos* e do livro *História da Paraíba, Lutas e Resistências*.

2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS – UMA PERCEPÇÃO DA ARTE AO LONGO DOS TEMPOS

As histórias em quadrinhos como conhecemos na atualidade, com uma página sendo formada por elementos bem definidos, como personagens e cenários desenhados, uma fala em formato de um balão, dividida em quadros e sarjetas é construção que remonta ao século XIX, período de efervescência na Europa em decorrência da ebulição de ideologias e movimentos sociais que reverberam em muitos futuros autores de quadrinhos, enquanto nos Estados Unidos, certo grupo de indivíduos buscava extrapolar as ideias de repassar seus pensamentos por intermédio da palavra escrita, no que seria a gênese de um novo uso para uma arte desenvolvida pelos humanos há tempos, os quadrinhos.

Representar o pensamento, uma vivência ou propagar ideias por meio de desenhos não é uma novidade no percurso humano na história, quando analisamos os povos ágrafos e sua arte rupestre fica clara a predileção humana em representar seu cotidiano por intermédio da arte pictográfica, os egípcios na África com sua icônica escrita hieroglífica, passando pelos maias no continente americano e até na Ásia com a escrita antiga chinesa, vemos um uso de imagens desenhadas para contribuir na construção de uma identidade para estes povos inseridos em diferentes locais e temporalidades, porém nutrindo desta mesma característica. Tal correlação também é feita pela pesquisadora Sonia Bibe Luyten, uma das pioneiras no estudo de quadrinhos no Brasil. Segundo BIBE-LUYTEN:

Por incrível que pareça, as origens das HQ estão justamente no início da civilização, onde as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelavam a preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos. (BIBE-LUYTEN, 1987, pg. 16)

Ao longo dos anos esse processo foi ganhando incrementos, passando pela arte bizantina que se mostrava como uma miscelânea de intersecção de povos gregos e orientais, a arte sacra católica no mundo ocidental medieval sendo resultado do extinto império romano somado a contribuição dos povos germânicos e tantos outros denominados de “bárbaros”, chegando a antropocêntrica renascença com seus períodos em que a arte ganha nuances únicas como no Trecento, Quattrocento e Cinquecento, perpassando o século da razão iluminista e sua influência na arte de grandes artistas como o inglês Willian Hogarth, ultrapassando em definitivo o caráter essencialmente sacro da Idade Média, chegamos ao século XIX e entendemos que toda esta carga de conhecimento é utilizada para a elaboração deste novo estilo de utilização da arte pictográfica que viriam a ser conhecida como História em Quadrinhos.

A análise deste estilo de arte vai para além do ato de decifrar imagens dispostas de maneira sequenciada, a compreensão dos quadrinhos só é um ato completo com o incremento e elucidação do elemento textual. Como bem estabelece o autor Will Eisner¹:

¹ Eisner foi muito mais que um quadrinista de sucesso, sendo responsável pela criação da primeira *grafic novel* (*novelas gráficas*), em 1978, extrapolar os limites de autor e enveredou a estudar o que desenvolvia tão magistralmente. Sua contribuição para a nona arte foi tamanha que o maior prêmio da indústria estadunidense de quadrinhos recebe seu nome.

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (EISNER, 2020, pg. 07)

Pensar na construção de uma página de uma HQ é processo interessante que demanda tanto do autor, perícia no domínio dos elementos textuais, no que tange ortografia, normas da linguagem e fluidez do texto, além de colocar personalidade em cada fala, fazendo cada uma delas serem únicas para cada personagem apresentado, e domínio de traço que demandam um conhecimento de anatomia, dimensão espacial, ou seja, não são apenas desenhos dispostos de forma ordenada e seqüencial com falas inseridas, é algo complexo e que demanda do leitor tamanho compromisso também, posto que os elementos não escritos ou desenhados sejam completados por meio de uma leitura atenta as nuances de cada página. Assim como Eisner preconizou em sua fala, os quadrinhos são um tipo de arte que demandam um considerável esforço intelectual do leitor. E tal ato complexo que envolve autor e leitor foi desenvolvido desde o século XIX, como veremos a seguir.

2.1 Definição e Origens

Este importante estilo de arte encontra em alguns estudiosos um arcabouço teórico indispensável para a sua elucidação e melhor compreensão. Dentre estes que pensaram as HQ, podemos destacar Moacyr Cirne que assim definiu as Histórias em Quadrinhos da seguinte maneira.

Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes esses que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas. O lugar significativo do corte – que chamaremos de corte gráfico – será sempre o lugar de um corte espaço-temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor (CIRNE, 2000, pg.23-24).

Pensada para ser uma arte que uniria os aspectos gráficos (escrita) e visuais (desenhos), os quadrinhos somam um interessante arcabouço para ser estudado. Inserida num contexto cultural efervescente, os quadrinhos surgem durante o século XIX, mas é durante o século XX que se popularizam e ganham um público cada vez maior. Tal popularização despertou o interesse de estudiosos que realizaram análises interessantes para os quadrinhos.

Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, por exemplo, enquadram os quadrinhos no que ficou conhecido como cultura de massa, nesta perspectiva o grande escrito italiano Umberto Eco, apesar de suas críticas a esta nomenclatura, analisa este fenômeno de cultura de massas e traz duas percepções, divididas no que designou de “conceitos-fetichismo” como uma visão “apocalíptica”, como podemos ver a seguir.

Se a cultura é um fato aristocrático, o cioso cultivado, assíduo e solitário, de uma interioridade que se apura e se opõe à vulgaridade da multidão (...), então só o pensar numa cultura partilhada por todos, produzida de maneira que a todos se adapte, e elaborada na medida de todos, já será um monstruoso contrassenso. A cultura de massa é a anticultura. (...) torna-se o

sinal de uma queda irrecuperável, ante a qual o homem de cultura (...) pode dar apenas um testemunho, em termos de Apocalipse. (ECO, 1976, pg. 8-9)

Esta percepção apresenta uma ideia dos chamados “críticos apocalípticos” que defendiam que os quadrinhos deveriam ser evitados, enquanto que também acrescentou com uma visão dita como “integrada”, que representava toda uma miríade de público infante-juvenil alvos de uma grande parcela das publicações de quadrinhos.

Em contraposição, a resposta otimista do integrado: já que a televisão, o jornal, o rádio, o cinema e a história em quadrinhos, (...) colocam os bens culturais à disposição de todos, tornando leve e agradável a absorção das noções e a recepção de informações, estamos vivendo numa época de alargamento da área cultural, onde finalmente se realiza, a nível amplo, com o concurso dos melhores, a circulação de uma arte e de uma cultura popular. (ECO, 1976, pg. 8-9)

Dentro deste debate cultural levantado por Adorno e Umberto Eco, Pedro Paulo Funari em seu texto publicado na obra organizada pela Carla Pinsky acrescenta outro importante pensador que teceu argumentos válidos para a construção desta cultura popular.

O pensador e ativista político italiano Antônio Gramsci, ainda em outra esfera, preocupava-se com os efeitos da industrialização da cultura, na forma de livros, jornais, revistas, o que criava um novo tipo de intelectual a serviço do poder: jornalistas, escritores, produtores de cinema, chamados de intelectuais orgânicos. (PINSKY, 2008, pg. 93)

Colocando as histórias em quadrinhos como um aspecto cultural, é válido salientar que tal estilo de arte também se enquadra nesta industrialização da cultura citado por Gramsci. Porém antes de tratar das consequências de sua expansão, analisaremos as origens das histórias em quadrinhos.

Convencionou-se definir que a primeira HQ que compunha os elementos ditos anteriormente foi a *Yellow Kid* de Richard F. Outcault, tal história remonta ao ano de 1895, de teor irreverente era uma publicação recheada de críticas políticas. É fato que a obra do Outcault não foi o resultado isolado e separado de sua temporalidade, antes de suas tiras serem publicadas semanalmente nos jornais, outros autores desenvolveram os limites do que viriam a ser as histórias em quadrinhos. Aqui podemos destacar nomes como o suíço Rudolf Töpfer, o alemão Wilhelm Busch e o francês Georges Colomb que assinava suas obras com o pseudônimo de Christophe, estes desde 1827 vinham trabalhando em suas obras sendo os precursores dos quadrinhos.

No Brasil, os quadrinhos também ocupam um lugar de destaque, sendo o pioneiro neste estilo de arte o ítalo-brasileiro Angelo Agostini, que publicava desde 1864 um jornal humorístico denominado *Diabo Roxo*. Não apenas no caso do Agostini, mas as primeiras obras quadrinísticas estavam contidas nas páginas dos jornais, em tiras, comumente tratavam com humor a realidade vivida e eram caracterizadas pelas fortes críticas a política e a sociedade. Até meados da década de 1930 os quadrinhos possuíam este tom cômico mencionado anteriormente, por isso essas histórias ficaram conhecidas pelos estadunidenses como *comics*.

Porém o responsável pela transição dos quadrinhos das tiras dos jornais para revistas próprias é o maior super-herói já criado, o Superman de Jerry Siegel e Joe Shuster, que em junho de 1938 na revista *Action Comics* lançam a história que vai

alterar toda a indústria dos *comics*, o maior de todos, símbolo dos Estados Unidos, cerne de diversos debates, comentado por homens como Umberto Eco, Álvarez Villar e até pelo ministro nazista Goebbels. Sem dúvidas que Clark Kent foi um dos maiores responsáveis pela revolução dos quadrinhos e sua popularização, e tal revolução inaugurada por esta HQ dá início a um período conhecido como A Era de Ouro dos quadrinhos estadunidenses, período que se estendeu até o início dos anos 1950.

Esta popularização experimentada pelas *comics* a partir do Superman entre o público infanto-juvenil, em sua maioria, irá contribuir para um efeito negativo envolvendo as HQ's que serão explicados adiante.

2.2 O preconceito com as Histórias em Quadrinhos

É difícil encontrar um brasileiro que nunca ouvira falar do Superman um herói superpoderoso vindo do espaço e criado por pais humanos, ou o Homem Aranha criado por Stan Lee e Steve Ditko, com o jovem Peter Parker sendo picado por uma aranha e ganhando poderes sobre humanos, ou que nunca tenha lido algum trecho da obra prima do Maurício de Souza, a turma da Mônica. Elementos desta obra estão entremeados no conhecimento popular, o fato do Cascão não tomar banho, a fala característica do Cebolinha ou a fome insaciável da Magali são facilmente reconhecidos, ter acesso a este material em filas de algum consultório médico ou em bibliotecas de escola, somado a qualidade indiscutível desta obra foram responsáveis pela massificação desta e de outras publicações do mesmo autor. Mas, há um fato interessante que os quadrinhos do Maurício de Souza ainda provocam no brasileiro médio, que é a percepção de que as Histórias em Quadrinhos são obras apenas direcionadas para o público infantil ou infanto-juvenil.

Tal percepção fez com que as HQ sofressem com um preconceito que por muitos anos foi perpetuado até mesmo nas Academias. A utilização destas obras como uma fonte de pesquisa histórica é algo possível e nos debruçaremos na tentativa de elucidar esta questão. Tal proposição já foi abordada anteriormente por estudiosos, como pela jornalista e pesquisadora Sonia Bibe-luyten que expressa a seguinte ideia.

Apesar dessa sua força e ímpeto de comunicação, o quadrinho tem sofrido muito em matéria de desprestígio por parte de intelectuais e educadores do próprio mundo ocidental. Essa condição de subproduto de cultura que acompanha as HQ está em função da estrutura industrial de grande escala, envolvendo interesses econômicos que podem acabar, realmente, de comprometer o relacionamento mais dinâmico com a cultura. (BIBE-LUYTEN, 1987, pg. 08)

Tal desprestígio dos quadrinhos encontra nesta percepção de subproduto um campo fértil para estereótipos que colocam este estilo de arte em campo inferior as demais. Outro fator preponderante para que os quadrinhos sofressem com este desprestígio foi levantado pelo pesquisador Álvaro Moya, ao citar.

O que é uma pena, pois os *comics* surgiram no fim do século passado, no mesmo ano que o cinema. Mas, enquanto a invenção dos Lumière foi saudada como a sétima arte desde o princípio, com Méliès, Griffith, Eisentein e Chaplin, os quadrinhos foram ignorados. Houve uma campanha contra, atribuindo às historietas a criminalidade infanto-juvenil. Diziam que

as crianças se desinteressavam dos estudos e da leitura. Chegou a haver um clima de perseguição e proibição. (MOYA, 1996, pg. 07)

A obra do Moya está inserida no contexto da crise do Petróleo que o mundo passava na década de 1970, que gerava uma escassez no papel e, por conseguinte uma crise em toda a cadeia de produção dos quadrinhos, o que é lamentado no início da citação. Neste ínterim o tema central abordado pelo Álvaro Moya não é apenas o preconceito que os quadrinhos sofriam, mas como um estilo de arte, foi a única a ser cerceada por completo.

Enquanto alguns gêneros de filmes e de outros tipos de arte eram malvistas ou sofriam com punições advindas da censura, os quadrinhos como um todo foram censurados parcial ou integralmente, independente do estilo ou qual o público alvo, países como Estados Unidos e Brasil passaram a ver os quadrinhos como catalisadores de violência.

Os estadunidenses a partir da década de 1950, inspirados pelos escritos do Fredric Wertham, passaram a censurar de maneira considerável todas as HQ's ali publicadas, no que ficou conhecido como Comics Code Authority, e tal prática se estendeu ao Brasil, que durante o período da ditadura militar, também espelhavam a percepção dos Estados Unidos de que os quadrinhos estimulavam a violência entre o público infanto-juvenil, além de associar os quadrinhos ao desinteresse pelos estudos.

E pensar que essa mentalidade foi extirpada da nossa sociedade, ou que ela ficou relegada a um passado distante é um ledor engano, recentemente esta visão preconceituosa foi ratificada pela grande mídia quando em reportagem da Rede Record de televisão foi feita uma associação de um mangá (quadrinho japonês) de nome *Death Note* a um aumento de casos de violência entre o público leitor de tal obra. No Rio de Janeiro, durante a bienal de livros em 2019, o prefeito daquela cidade perpetuando esta mentalidade preconceituosa, em atitude arbitrária tentou censurar a HQ *Vingadores: A cruzada das Crianças*, pois a mesma continha uma cena de um beijo entre dois personagens homens.

Tal percepção equivocada das histórias em quadrinhos pode ser derrubada por meio de estudos sobre tal estilo e conhecimento gradual das obras publicadas. É válido destacar neste sentido grande esforço de pesquisadores no Brasil, que tentam desmistificar esta visão de parte da sociedade sobre os quadrinhos, aqui vale citar os esforços de grandes nomes de pesquisadores voltados para a área da comunicação, como Álvaro de Moya, Antonio Luiz Cagnin, José Marques de Melo, Moacyr Cirne, Sonia Bibi Luyten e Waldomiro Vergueiro, estes grandes nomes contribuíram enormemente para uma adesão significativa dos quadrinhos nos meios acadêmicos, por meio de debates, simpósios, livros, artigos e até componentes curriculares específicos para entender este importante veículo de informação que são os quadrinhos.

Partindo do que foi exposto entendemos a gênese deste preconceito e como ele dificultou a penetração dos quadrinhos nas Universidades, e em especial nas grades curriculares dos cursos de história. Porém, esta prática pode ser alterada a partir da compreensão do papel dos quadrinhos como uma fonte histórica, e este debate foi iniciado a partir do século XX com o advento da História Cultural, que analisaremos a seguir.

2.3 A História Cultural e os quadrinhos como fonte histórica

Reconhecer o que pode ser usado como uma fonte ou documento histórico é um trabalho que demanda cuidados e deve ser tratado com responsabilidade pelo historiador consciente e preocupado em narrar os fatos de forma coerente e verossímil, para isso o trabalho de crítica a fonte é essencial, o que demanda um exercício minucioso e meticuloso que como diria o historiador Carlo Ginzburg se aproxima ao de um detetive, onde há análises, busca de provas e investigações.

Por muitos anos a escola positivista, que tinha como grande expoente o francês Auguste Comte, estabeleceu como padrão para fonte histórica apenas documentos oficiais, tendo um forte teor político e metódico teve seu auge durante o cientificismo do século XIX, período este em que já estavam sendo produzidos os primeiros quadrinhos na Europa e nos Estados Unidos, a partir desta perspectiva as HQ's e tantos outros tipos de registros estavam excluídos deste panteão de documento histórico.

Em contrapartida o século XX presencia o surgimento de uma nova forma de pensar a história conhecida como a Escola dos Annales, que possuía como grandes expoentes os franceses March Bloch e Lucien Febvre, em seu primeiro momento. Outro historiador desta Escola historiográfica de grande renome é o Peter Burke que chegou a afirmar que a escola dos Annales foi a Revolução Francesa da historiografia. O viés estritamente político é substituído por uma interpretação que dá voz e vez aos ditos excluídos da história. É neste aspecto que o paradigma da seleção das fontes é posto em debate, tendo em vista a anterior concepção positivista acerca dos documentos históricos.

Neste momento há uma ampliação significativa dos objetos de pesquisa histórica, graças ao trabalho de historiadores que pensavam na amplificação dos tipos de documentos que poderiam ser utilizados como fonte histórica e uma percepção de que os protagonistas ou poderosos não eram os únicos detentores do saber histórico, como afirma Pedro Paulo Funari, na obra organizada pela Carla Bassanezi Pinsky "Isso tudo levou a uma ampliação considerável das fontes históricas, pois passavam a interessar as séries, as permanências, as trivialidades, o cotidiano das pessoas comuns". (PINSKY, 2008, pg. 90). Porém neste momento ainda não temos uma inserção considerável de estudos que envolviam os quadrinhos ou ilustrações em jornais e revistas como uma fonte histórica.

Na obra *Fontes Históricas* organizada pela Carla Pinsky, Tânia Regina de Luca em seu texto debate a importância desta Escola no que tange a questão das fontes históricas, ao afirmar.

A prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX. Na França, a terceira geração dos Annales realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica levados a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha "novos objetos, problemas e abordagens. (PINSKY, 2008, p. 112)

Portanto, vemos a importância dos Annales na ampliação do que interpretamos como documento histórico, além desta preocupação em analisar novos objetos de estudo e problemáticas distintas. Porém é apenas com a História Cultural ou Nova História Cultural, que está no centro das renovações historiográficas, que temos um desenvolvimento da utilização das Histórias em Quadrinhos, publicada em revistas próprias ou em periódicos, como jornais, como potencial fonte histórica.

A História Cultural tem como grande marca a pluralidade, tendo como grandes expoentes historiadores como Carlo Ginzburg e Roger Chartier, vemos por meio desta escola historiográfica que as HQ's tem grande potencial para ser objeto de estudo da pesquisa historiográfica.

O historiador Roger Chartier possui grande contribuição dentro da História Cultural, o mesmo consolida a percepção de que há uma expansão nos objetos historiográficos por meio desta Escola. Outro historiador que desenvolve estudos na área da História Cultural é o francês Georges Duby, este corrobora o que é defendido por Chartier e revela que tal corrente historiográfica não estuda apenas as obras já reconhecidas, mas se debruçam sob objetos culturais ampliando assim o campo historiográfico.

Há muitas possibilidades que os quadrinhos como fonte histórica abarcam, nesta perspectiva questões de gênero podem ser estudadas por meio de revistas como da Mulher Maravilha, o potencial para a compreensão do contexto social e político de determinada nação, sem mencionar a penetração deste tipo de arte em público vasto. Posto isso é válido salientar que, assim como outras fontes, as HQ's demandam uma análise criteriosa para seu devido uso.

3 HISTÓRIA DA PARAÍBA EM QUADRINHOS – UM COTEJAMENTO ENTRE O QUADRINHO E OS LIVROS SOBRE A CONQUISTA DA CAPITANIA DA PARAÍBA

A *História da Paraíba em Quadrinhos* é escrita por Emilson Ponce de Leon Ribeiro e desenhada por Emir Lima Ribeiro, estando em sua segunda edição desde agosto de 2011, sendo editada e vendida de maneira independente. Parte desta obra já foi lançada em tiras no Jornal A União (1975) e em páginas completas na revista Itabira (1980).

A obra possui uma capa que remete a luta entre portugueses e indígenas, contendo como pano de fundo as cores preto e vermelho que remontam ao período da revolução de 1930, dividida em duas partes, sendo elas a primeira denominada de A Conquista e a segunda de O desenvolvimento, a HQ contém 24 capítulos que são organizados de maneira a relatar os fatos da história de nossa terra de maneira linear, sendo uma obra com 131 páginas impressas em papel de boa gramatura que permitem que a arte do Emir Ribeiro seja contemplada de maneira satisfatória. Cada capítulo é organizado de maneira similar, uma parte, que normalmente abrange três ou quatro páginas, relata a história da Paraíba utilizando a mídia dos quadrinhos e sempre é concluída com textos escritos pelo Emilson Ribeiro explicando o capítulo, com informações adicionais e algumas com relatos pessoais de eventos vividos pelos autores.

A escrita de Emilson Ribeiro segue um estilo solene e polido, seu roteiro busca uma fidedignidade aos fatos históricos e é pensada a relatá-los de maneira metódica e linear. É válido salientar a presença de alguns verbetes característicos, como o uso do pronome “vossa mercê” por personagens de origem lusitana e nobre, e de palavras escritas propositalmente erradas quando faladas pelos indígenas, estes também contam com palavras de seu vernáculo sendo registradas na obra. Por possuir tal estilo mais culto em sua escrita o texto exige do leitor uma dedicação maior à sua compreensão, fato que não diminui a obra, mas a deixa mais interessante, pois quanto mais o leitor tem a dar para a mesma, mais ela ganha em significado e mais nuances são percebidas.

O estilo da arte do Emir Lima Ribeiro segue uma praxe mais pragmática e detalhista, seus personagens são retratados com feições bem definidas, expressivas e realistas, os seus cenários também seguem uma fidelidade notável, sua narrativa gráfica é bem fluída, não exagerando nas informações visuais. Seus enquadramentos, quando necessários, são muito eficazes e passam o sentido urgência. Um destaque para seu lápis e trabalho de preto e branco muito competente, neste íterim vale salientar a construção dos diversos cenários paraibanos retratados na obra de maneira exímia.

A primeira parte do quadrinho conta com doze capítulos distribuídos em 59 páginas e se propõem a narrar a história da Paraíba, desde o contexto para a criação da capitania hereditária de Itamaracá, esmiuçando os fatos desde 1532 e se estende até meados dos anos de 1645 com a resistência paraibana a invasão dos holandeses. Já a segunda parte desta obra conta onze capítulos distribuídos em 62 páginas, esta tem como objetivo relatar os fatos ocorridos em nosso estado desde o ano de 1655 retratando como a capitania se organizou após a guerra contra os holandeses até a chegada da Paraíba no fim do segundo milênio.

O quadrinho ainda conta com sete páginas de extras, onde contém uma extensa lista com todos os governadores da Paraíba desde João Tavares que governou durante a fase colonial de 1585 a 1588 até Ricardo Coutinho que assumira o governo em 2011, não sendo retratado seu governo na obra, pois esta já havia sido editada antes de seu pleito. Após esta lista há uma descrição de outras obras dos autores, sendo encerrada com ilustrações de Emir Ribeiro retratando a Paraíba antiga.

O recorte histórico deste artigo será baseado na criação da Capitania da Paraíba, sua colonização e efetiva conquista, contidos nos sete primeiros capítulos desta obra e, por conseguinte, os livros que utilizaremos para relacionar serão utilizados apenas os respectivos capítulos que possuem correlação com o momento histórico narrado na HQ, sendo assim dando uma ênfase ao quadrinho.

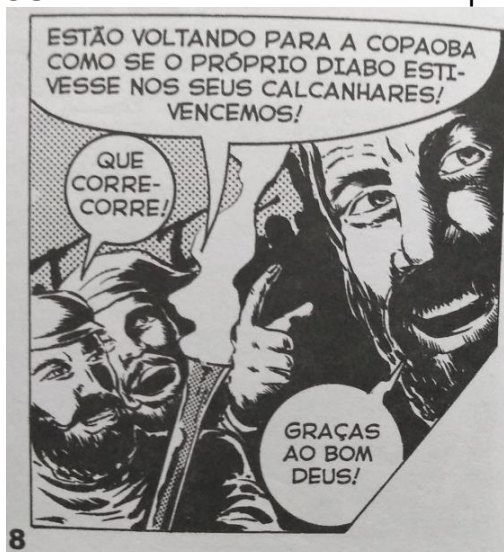
O primeiro capítulo tem como título a Capitania de Itamaracá e inicia com Martim Afonso enviando seu irmão Pero para expulsar os franceses da capitania de Itamaracá, o que consegue de maneira paliativa, tendo em vista que os franceses passaram anos em nosso litoral realizando comércio com os habitantes locais. Logo após, há um relato sobre o governo de João Gonçalves na capitania e como se deu a desavença entre portugueses e potiguaras após a morte do governante. Outrossim, ainda há um embate entre colonos portugueses e nativos potiguaras em Igarassu, que resulta na morte de inúmeros indígenas e na consequente fuga dos sobreviventes para uma região chamada de Copaoba, este início da colonização da capitania de Itamaracá e a presença de franceses nesta região também é abordado pelo José Octávio, quando cita:

Esses tempos fizeram-se difíceis para a colonização intentada pela Coroa portuguesa. Isso porque, além dos espaços a ocupar, defrontou-se com a resistência dos índios – sempre corajosos na defesa de suas terras e forma de vida – e a incômoda presença de franceses (OCTÁVIO, 1996, pg. 21-22).

Em ambas as obras percebe-se uma preferência em relatar esta história de conquista de nossas terras sob a perspectiva do branco europeu. O massacre de populações inteiras é visto de maneira heróica na HQ, principalmente na batalha que encerra este capítulo que envolve os potiguaras e os habitantes de vila de Igarassu, quando um personagem coadjuvante expressa a seguinte fala “chumbo nestes

miseráveis” e no último quadro outra fala denota quem são os heróis neste episódio, conforme a figura 1.

FIGURA 1: Fala dos “heróis” do capítulo



FONTE:(RIBEIRO, Emir; RIBEIRO, Emilson, 2011, pg. 8)

Esta percepção de tratar o homem branco como herói ou protagonista de nossa história é algo recorrente em obras mais tradicionalistas, porém há um esforço historiográfico em alterar tal concepção, um exemplo disto é discutido pela Eliete Gurjão em seu texto ao expressar o seguinte:

Como surgiu a Paraíba? Quais os objetivos dos portugueses quando conquistaram seu território? Qual o papel dos índios nessa conquista? Como se deu a ocupação inicial? Essas são importantes questões relativas à conquista da Paraíba. A maior parte da historiografia paraibana, infelizmente, trata-as de forma equivocada, preconceituosa, insatisfatória, portanto, divulga-se, assim, uma concepção apologética da História da Paraíba, que se concentra no enaltecimento de alguns personagens (brancos e europeus), elevando-os à condição de heróis e tratando nossos índios como povos inferiores, selvagens, bárbaros, preguiçosos, conforme os denominavam os portugueses. (GURJÃO, 2021, pg. 33)

Posto isto é válido salientar que a fala destacada acima e a que é apontada na figura 1, perpetuam um sentimento de que o indígena potiguar era um “vilão”, essa percepção reforça um eurocentrismo e deve ser criticada e abolida.

O segundo capítulo traz como título o ataque a Tracunhaém e tem como tema central um dos eventos mais conhecidos dos primórdios de nossa história, amplamente abordado em livros que se propõem a averiguar os fatos da história de nosso estado, a tragédia de Tracunhaém. Tal fato no quadrinho é trabalhado em quatro páginas, seguindo o estilo da narrativa tão característica de toda obra, apresentando uma linguagem formal e traços com ênfase no realismo, em especial nas feições dos personagens e com destaque nas cenas de batalhas, conforme se observa na figura 2:

FIGURA 2: Cena de batalha entre portugueses e potiguaras



FONTE: (RIBEIRO, Emir; RIBEIRO, Emilson, 2011, pg. 13)

Os autores se debruçam a relatar tal tragédia contextualizando-a com o momento que a precedeu, ou seja, a fuga dos potiguaras para a região conhecida como Copaoba, após o massacre trabalhado em capítulo anterior, além de mencionar a participação da capitania de Pernambuco na deliberação para a construção do engenho e uma pequena comunidade às margens do rio Tracunhaém.

Neste íterim é válido salientar ainda um fato narrado que aparentemente parece simplório, porém que vai alterar toda a ordem de paz que havia nos primeiros meses da construção deste engenho que é a chegada de um mameluco a região da serra da Copaoba. Tal chegada é mencionada nesta HQ, porém os dois livros analisados não citam tal fato, ambos se debruçam a explicar a tragédia que se seguirá a chegada de tal homem entre os potiguaras.

Tal mameluco, expressão utilizada na HQ e no livro do José Otávio, casa-se com Iratembé, filha do cacique potiguara Inigaçu, e aproveitando um momento em que o cacique e outros homens vão à caça, o mameluco foge da tribo com a sua esposa em direção a cidade de Olinda. Neste momento os autores do quadrinho relatam a reação do cacique ao enviar dois de seus filhos, a saber, o Timbira e o Japiaçu, a “Aldeia dos Perós” (portugueses em Tupi) a fim de recuperar a filha sequestrada, e tal empreitada logra êxito com o apoio de um governante lusitano que localiza a jovem, é a partir daqui que a narrativa do José Octávio se inicia ao mencionar o retorno destes dois potiguaras acompanhados de sua irmã para a sua tribo relatando o seguinte.

Bastante ligada a Pernambuco e Itamaracá, a História da Paraíba principiou no vale do Rio Tracunhaém, que pertencia a Itamaracá, [...]. Deu-se que, por ali, em 1574, transitaram dois guerreiros potiguaras, provenientes de Olinda, onde, por determinação do Governador Geral Antonio Salema, recapturaram jovem indígena de quinze anos, filha do cacique Iniguaçu, e que fora arrebatada por mameluco das aldeias da serra de Copaoba (OCTÁVIO, 1996, pg. 22)

Podemos observar que a proteção legal dada ao trio de indígenas por intermédio de um documento conhecido como “Salvo Conduto” ou “Provisão”, a estes entregue é fruto de uma pequena discórdia entre a HQ e o livro do José Octávio, no que se refere a autoria deste documento o livro cita o Governador Geral, enquanto o quadrinho afirma ter sido obra do Ouvidor Geral, em contrapartida o texto da Eliete Gurjão propõem-se apenas a citar as consequências deste fato, não atentando para uma descrição minuciosa de tal.

É visto neste capítulo que o retorno destes indígenas sofre uma intempérie ao chegarem ao engenho Tracunhaém, lugar onde esperavam encontrar abrigo para passar a noite, tendo como proprietário do engenho o Diogo Dias, que rapta a mulher enquanto seus irmãos dormiam, na manhã seguinte com a escusa de que a indígena havia fugido a noite em direção a Olinda os indignados irmãos da sequestrada diante desta informação decidem regressar a sua tribo, onde sob a influência dos franceses os potiguaras daquele lugar organizam um grandioso ataque reunindo milhares de guerreiros potiguaras contra os habitantes do engenho, o que de fato ocorre. É a tragédia de Tracunhaém, um massacre total dos que ali viviam, totalizando mais de 600 mortes. Tal relato é tratado pelo livro do José Octávio, quando o mesmo menciona “A beleza da Índia, todavia, tanto fascinou o proprietário Diogo Dias que este decidiu ficar com a moça. O rapto irritou os indígenas que, insuflados pelos franceses, caíram sobre o engenho de Dias, no Tracunhaém, massacrando seus habitantes.” (OCTÁVIO, 1996, pg. 22) Neste contexto é que se inserem os dizeres da Eliete Gurjão, quando a mesma relata a consequência deste fato, ao apresentar que “As hostilidades dos portugueses com os potiguaras se agravaram muito após a chamada “Tragédia de Tracunhaém”. (GURJÃO, 202, pg. 34)

O relato desta tragédia encerra o segundo capítulo do quadrinho, deixando a criação da capitania real da Paraíba para o capítulo posterior. A criação desta capitania vem a ser a principal consequência da tragédia narrada anteriormente.

O terceiro capítulo inicia uma sessão que se estende até o sétimo capítulo, onde são trabalhadas as expedições realizadas com o intuito de conquistar e colonizar a recém-criada capitania, além de expor como esta conquista foi concretizada.

O terceiro capítulo traz como título o malogro das expedições e se põe a narrar os primeiros fatos envolvendo a criação da Capitania Real da Paraíba em 1574. Logo após a criação de tal capitania o rei Dom Sebastião decide enviar homens para efetivamente dominar esta região por meio de expedições que iriam ser marcadas por intensos confrontos com as populações nativas e a concretização da posse da terra para os portugueses que enfrentariam potiguaras e franceses presentes aqui.

A criação da capitania da Paraíba também é citada nos livros que aqui permearam a pesquisa deste artigo, Eliete Gurjão traz em seu texto uma síntese de tudo que será trabalhado nos capítulos citados acima, ao relatar que.

As lutas entre os conquistadores e os índios foram muitas e, frequentemente, os índios levavam vantagem. De início, as expedições eram organizadas apenas por portugueses. Porém, com a dominação da Espanha sobre Portugal, a partir de 1580, alguns espanhóis juntaram-se aos portugueses nas tentativas de conquista da Paraíba. (GURJÃO, 2021, pg. 35)

É válido destacar como a professora enquadra as lutas existentes, contextualizando-as ao momento histórico recorrente, que no caso seria o período da união das duas Coroas. Enquanto isso, o texto do José Octávio relata este mesmo período narrado nesta sessão de capítulos, ao dizer.

Entre a criação de direito da Capitania da Paraíba (1574) e sua ocupação de fato (1585), passaram-se onze anos, plenos de lutas. Nessas, se a audácia ficava com os europeus, senhores de técnicas e organização político-social mais avançadas, a resistência pertenceria aos aborígenes, no caso os potiguaras. Foram esses que, nas guerras de conquista, lutaram por suas propriedades comunais, roças, haveres e famílias. (OCTÁVIO, 1996, pg. 23)

Mais uma vez há uma ênfase na luta e a citação em que sempre houve uma resistência por parte dos potiguaras a dominação portuguesa. Este terceiro capítulo contém cinco páginas e computa como sucederam as primeiras expedições para a conquista da Paraíba, os protagonistas retratados aqui novamente são os brancos que vieram a nossa terra com objetivo de realizar uma “missão civilizatória” e exterminar o “entrave” para tal empreendimento, ou seja, os habitantes potiguaras, legítimos senhores destas terras. A primeira destas expedições fora liderada pelo Fernão da Silva, que à época ocupava o cargo de Ouvidor Geral, este reuniu grande contingente de homens entre civis e militares saindo de Pernambuco, de início conseguiram êxito em sua empreitada, destruindo as plantações e moradias dos potiguaras, porém, quando se encontravam na região onde hoje se encontra a cidade de Cabedelo, foram rechaçados pelas forças dos potiguaras, obrigando-os a fugir de maneira desenfreada. Tal descrição também é feita pelo José Octávio quando o mesmo relata.

A primeira expedição, de iniciativa do Ouvidor Geral e Provedor-mór da Fazenda, Fernão Silva, em 1575, foi tão valentemente rechaçada pela indiada que seus integrantes fugiram pela costa, em direção a Itamaracá, de onde arribaram à Bahia, sede do Governo Geral. (OCTÁVIO, 1996, pg. 23)

Aqui podemos observar nas palavras do José Octávio, uma descrição da malfadada primeira expedição colonizadora da Paraíba, e é interessante notar como a luta dos povos nativos, que mesmo com uma inferioridade no armamento utilizado, foram hábeis na defesa de seu território. Diante da desastrosa expedição, da grandiosa vitória dos potiguaras e da constante presença de franceses na região, podemos observar no quadrinho a reação por parte do próprio Governador-Geral do período que era o Luís de Brito foi organizar uma grande frota de navios e de homens comandados pelo mesmo a fim de conquistar a Paraíba, porém os navios que compunham sua frota sequer chegaram a território paraibano, pois foram dispersos abruptamente por fortes ventos. Diante deste retumbante e oneroso fracasso, o governo não tem condições de rapidamente organizar nova expedição, é neste contexto que somos apresentados a um rico comerciante lusitano, o Frutuoso Barbosa, figura que irá protagonizar alguns fatos que ainda serão narrados.

É sob liderança deste comerciante que nova expedição é organizada, dividida em duas frentes, por terra sob a liderança do Simão Rodrigues e pelo mar iria à frente o próprio Frutuoso, dada às intempéries que envolveram o deslocamento de ambos os grupos, conseguiram se encontrar em solo paraibano, porém tal esforço foi frustrado mais uma vez pela extraordinária força e coragem potiguara, que rechaçaram mais este grupo de homens brancos exploradores, desta feita o Frutuoso perde seu filho em combate. Tal fato é descrito de maneira a valorizar tal atuação dos povos potiguaras pela Eliete Gurjão, ao relatar que “As lutas entre os conquistadores e os índios foram muitas e, frequentemente, os índios levavam vantagem.” (GURJÃO, 2021, pg. 35). Este entrave na conquista da Paraíba também é registrado pelo José Octávio, ao citar.

As tentativas de 1480 e 1582 registraram a participação de Frutuoso Barbosa, abastado comerciante português de pau-brasil que obtivera o título de *capitão-mor* da Paraíba, e *foral*, para usufruto da terra. Com seus barcos dispersados pelas tempestades, em 1580, Barbosa voltou à carga dois anos depois, quando chegou a erigir fortificação nailhada Restinga, próximo à embocadura do Paraíba. Os índios, porém, não se renderam, e essa expedição também resultou derrotada. No campo da luta, Barbosa deixou morto um filho. (OCTÁVIO, 1996, pg. 23 e 24)

A citação acima rechaça a ideia de que os indígenas aceitaram a colonização de maneira indolente, mais uma vez podemos observar este comportamento de luta pela defesa de seu território, e para, além disto, esta luta era também para a preservação de sua cultura. Este capítulo se encerra com mais este malogro, justificando o título escolhido para tal tópico, e a ida de Frutuoso à Bahia em busca de recursos para organizar nova expedição, paralelo a isto somos apresentados ao general Diogo Flores Valdez, que recebe do governador Manoel Barreto a missão de liderar nova expedição em direção a Paraíba para então conquistar esta terra, onde a população colonizadora estava insegura com os constantes ataques potiguaras.

O quarto capítulo traz por título a expedição de Valdez e conta com três páginas e tem como contexto mais abrangente a instituição da União Ibérica, outros personagens que ganham destaque aqui são Felipe de Moura, Antonio Leitão e outro espanhol por nome Francisco Castejón. Esta expedição fica marcada por desavenças constantes entre os espanhóis e os portugueses, a construção de um forte de taipa no rio Paraíba e mais confrontos entre colonizadores e os potiguaras, levando a mais mortos de ambos os lados. O cerne destas desavenças entre portugueses e espanhóis explicada neste capítulo estava no fato de onde seria construído o forte e quem o deveria comandar.

Tal capítulo reforça esta presença espanhola em nosso território, e tal qual o quadrinho ambos os livros aqui analisados endossam esta afirmação, como a Eliete Gurjão indica no trecho em que relata que “De início, as expedições eram organizadas apenas por portugueses. Porém, com a dominação da Espanha sobre Portugal, a partir de 1580, alguns espanhóis juntaram-se aos portugueses nas tentativas de conquista da Paraíba”. (GURJÃO, 2021, pg. 35) Enquanto isso José Octávio menciona o seguinte “Em 1584, as lutas pela Paraíba registraram a participação dos espanhóis a que, indiretamente, passara a pertencer o Brasil, em razão da *União das Coroas* de Portugal e Espanha, subordinadas a um mesmo soberano – Felipe II de Espanha”. (OCTÁVIO, 1996, pg. 24)

O quinto capítulo traz como título a expedição de Martim Leitão, contando com quatro páginas tem por objetivo continuar com as consequências advindas dos fatos narrados anteriormente e faz um vislumbre com a atualidade no final deste ao

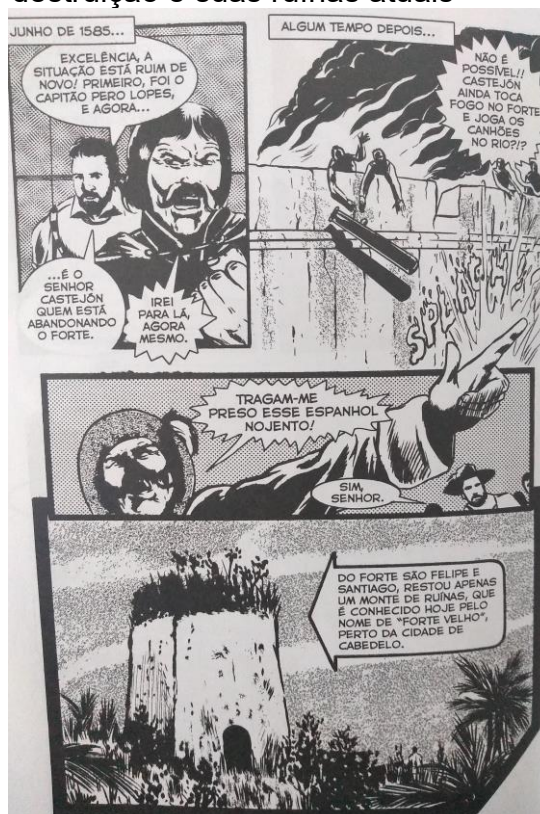
demonstrar as ruínas do forte que fora alvo da discórdia entre portugueses e espanhóis.

O capítulo se inicia narrando um dos fatores mais decisivos para a mudança dos rumos para a efetiva conquista da Paraíba por parte dos colonizadores, a chegada dos Tabajaras vindos da região da Bahia, comandados por Tabajara. Assim que chegam a terras paraibanas, Tabajaras e Potiguaras firmam uma aliança provisória, demarcando a área onde cada povo se estabeleceria. Concomitante a este fato, em Pernambuco, vemos Martim Leitão organizando uma expedição que partiria com grande contingente, objetivando prestar auxílio aos possíveis sobreviventes que estavam no forte construído à época da expedição do espanhol Valdez.

Em continuidade aos fatos narrados, vemos uma progressão da expedição do Martim Leitão em solo paraibano, marcada por uma extrema violência às populações indígenas, principalmente a aldeamentos Tabajaras, que foram destruídos pela força colonizadora. Este fato é descrito como o causador para o fim da aliança entre as tribos indígenas, e não apenas isso, pois nos é apresentado que os Potiguaras, além de romperem relações com os Tabajaras os tratam como fracos e covardes por fugirem dos portugueses e passam a tratá-los como inimigos.

O capítulo se encerra com a descrição de um fato curioso ocorrido em julho de 1585, quando o comandante do forte, o espanhol Castejón em atitude desmedida põe fogo no próprio forte e lança seus canhões no rio. Além da descrição de tal fato desproporcionado temos como imagem que encerra este capítulo, conforme observamos na figura 3, um vislumbre das ruínas do forte que fora fruto de tanta discórdia e mortes de populações indígenas e portuguesas.

FIGURA 3: Cena do forte de São Felipe e Santiago, no momento de sua destruição e suas ruínas atuais



FONTE: (RIBEIRO, Emir; RIBEIRO, Emilson, 2011, pg.28)

O sexto capítulo contém três páginas e traz como título a fundação da cidade de nossa senhora das neves, e traz em seu início o estabelecimento da aliança entre os Tabajaras e os portugueses, firmada com o apoio militar aos chefiados pelo índio Piragibe na luta contra os potiguaras. Tal aliança é corroborada na obra do José Octávio ao citar.

Celebrado o acordo com os Tabajaras – em local aproximado ao atual bairro da ilha do Bispo cuja denominação variou de Passeio Geral para Povoação Índio Piragibe – os portugueses puderam fundar a cidade sede (sic) da capitania. Isso ocorreu a quatro de novembro de 1585, quando da presença de Martim Leitão, à frente de contingente de soldados, famílias, escravos negros, índios aculturados e padres da Companhia de Jesus. (OCTÁVIO, 1996, pg. 26)

Aqui vale destacar o uso do termo “índios aculturados”, dando a noção do etnocentrismo praticado pelos portugueses com a anuência de outra instituição que trabalhou neste processo e contribuiu para uma colonização efetiva, a Igreja Católica, representada aqui por padres Jesuítas, que com a pretensa missão de catequizar, contribuíram para este assassinato em massa de pessoas e de culturas. Neste ínterim Eliete Gurjão ratifica o apoio dado pelos tabajaras aos portugueses ao relatar em seu texto que.

A conquista definitiva da Paraíba somente foi possível, quando os portugueses conseguiram a adesão dos tabajaras, então em luta contra os potiguaras. Aproveitando-se do desentendimento entre as duas tribos, o ouvidor-geral Martin Leitão enviou emissários a Piragibe (ou Braço de Peixe, cacique tabajara) oferecendo-lhe aliança contra as potiguaras. (GURJÃO, 2021, pg. 35)

O que podemos perceber analisando as três obras é que a força da colonização era tamanha, que pôs como rivais povos como tabajaras e potiguaras, que apesar de suas diferenças culturais, haviam firmado um pacto de paz e conviviam em relativa sintonia, a utilização da guerrilha entre locais a fim de facilitar a conquista do território foi outra prática recorrente dos europeus em suas colônias, a exemplo do que os espanhóis fizeram na América Central e de tantos outros conflitos gerados ou estimulados em colônias na África.

Ainda no quinto capítulo é reforçado um dos símbolos da dominação portuguesa que é a realização de uma missa, comprovando a dominação militar e religiosa imposta pelos lusitanos em todo território, sobre este tópico Eliete Gurjão escreve que.

Além dos colonizadores, não podemos esquecer do papel da Igreja nessa conquista. Religiosos de diversas ordens: jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, através das chamadas missões, “domesticavam” os índios, ou seja, “faziam sua cabeça” para a aceitação do domínio do homem branco, para a perda de seu território e de sua própria identidade. (GURJÃO, 2021, pg. 36)

Mais uma vez percebe-se a presença marcante de membros da Igreja Católica em território brasileiro, no caso estudado especificamente em solo paraibano, auxiliando no processo colonizador, costumeiramente baseado no extermínio, quer seja de cultura ou de vidas humanas.

Neste capítulo vemos o início da construção do que viria ser a cidade de nossa senhora das neves, futura João Pessoa, que foi projetada pelo arquiteto Cristóvão Lins e teria o Manoel Fernandes à frente de sua construção. No que tange a construção desta cidade Eliete Gurjão salienta que “Os índios que colaboraram com os colonizadores e os que a eles se renderam foram utilizados como mão de obra na lavoura, nos engenhos e na construção de obras para a edificação da cidade de Nossa Sra. das Neves (atual cidade de João Pessoa-PB)”. (GURJÃO, 2021, pg. 36) Passados os anos de 1585, chegamos a 1587 quando Martim Leitão decide regressar a Pernambuco e deixa João Tavares como capitão-mor da Paraíba, dando-lhe, por conseguinte a responsabilidade de governar, com isso está conquistada a Paraíba.

O último capítulo aqui analisado será o sétimo que traz como título a consolidação da conquista, em três páginas os autores irão trabalhar o que ocorre em território paraibano após a conquista do território e as construções que serão erigidas para efetivar a ocupação portuguesa na região.

Este sétimo capítulo apresenta as desavenças que ainda aconteciam entre os potiguaras, ainda contidos na região da serra da Copaoba, e os portugueses que contavam com apoio tabajara. Estes conflitos contam com a participação do Martim Leitão, que liderará novo grupamento de homens brancos e tabajaras a fim de atacar as possessões potiguaras. Novamente, os nativos potiguaras são obrigados a deixar a sua terra em detrimento do colonizador.

Findada as ferozes lutas, Martim Leitão retorna a Pernambuco e João Tavares volta suas atenções as construções viabilizadoras da colonização, como os edifícios religiosos (erigidos para os jesuítas, carmelitas e franciscanos), políticos como a casa da câmara, de segurança como a cadeia e econômicos como o primeiro engenho da capitania. Esta última de extrema importância tendo em vista o contexto econômico e social do Nordeste do século XVI, uma região voltada para a produção açucareira baseada no sistema *plantation*.

Estabelecido o recorte temporal estudado na HQ, analisando as devidas citações das obras literárias selecionadas e comparando-as com as informações contidas no quadrinho, podemos observar que há um teor estritamente historiográfico na obra *História da Paraíba em Quadrinhos*, apesar de apresentar dentro de uma perspectiva historiográfica uma narrativa tradicional, sendo possível de ser constatada por apresentar uma preocupação em narrar os fatos de maneira linear e por dar o papel de protagonistas aos personagens europeus. Apresentando estas ressalvas é válido salientar que é possível seu uso em sala, quer no ensino secundário como no superior e como uma fonte de pesquisa na construção de um saber histórico acerca do início da história da Paraíba, envolvendo os processos que levaram a sua conquista efetiva.

4 Considerações Finais

As histórias em quadrinhos podem ser entendidas como uma arte sequencial, um conjunto de uma narrativa que envolve a compreensão de escrita e imagens, e que podem ser utilizadas como fontes históricas.

Diante disto, ao desenvolver a pesquisa percebe-se que os quadrinhos são de fato um estilo de arte inserido no contexto da cultura de massa, sendo também um tipo de fonte histórica que foi abarcada pela historiografia com o advento da História Cultural e toda a sua pluralidade de fontes, conhecendo este potencial de fonte

histórica destaca-se a inserção da história da conquista da Paraíba em quadrinhos aqui analisada.

Sabendo deste teor historiográfico dos quadrinhos podemos compreender que a utilização da *História da Paraíba em Quadrinhos* para assimilar os fatos que levaram a criação da capitania da Paraíba até a sua conquista é legítima, o recorte escolhido dos sete primeiros capítulos deste quadrinho revelam os fatos narrados de nossa história remontando a 1532 com o início da colonização do Brasil, passando pelos eventos que levaram Portugal a criar a Capitania da Paraíba, passando pelas cinco expedições que foram realizadas para efetivar a conquista de nosso território, com destaque para personalidades como Fernão Silva, Martim Leitão e Frutuoso Barbosa, além de relatar os inúmeros conflitos entre estes portugueses e os Potiguaras, comparando este quadrinho com as obras de autores renomados em história da Paraíba, José Octávio e Eliete Gurjão, percebemos a força historiográfica deste quadrinho.

No término desta pesquisa verificou-se que ainda há muito a pesquisar sobre os quadrinhos e a sua utilização como fonte historiográfica, a singela contribuição dada por este artigo foi a de revelar que este tipo de mídia possui um potencial enorme que pode abarcar não apenas a história da Paraíba, mas outros diferentes conteúdos a serem trabalhados na pesquisa ou em sala de aula. Os entraves que apareceram no decorrer da pesquisa foram principalmente no fato das referências englobarem mais a área de comunicação, sendo um tanto insipiente a produção histórica acerca do tema abordado em especial no que tange a utilização das histórias em quadrinhos como uma fonte.

Percebe-se que a temática envolvendo os quadrinhos é um campo fértil para a pesquisa historiográfica, a utilização de tantos outros quadrinhos nacionais e estrangeiros, podem render excelentes pesquisas não apenas na área da teoria da história, analisando as correntes historiográficas possíveis para o uso dos quadrinhos, como também análises de contextos históricos, políticos e sociais, até em obras de ficção histórica há uma grande possibilidade para a compreensão do período em que foi produzida. O recorte feito envolvendo a história da Paraíba pode ser realizado analisando outras obras de paraibanos ilustres como o Deodato Borges, Shiko entre outros, tendo em vista uma prolífera gama de publicações independentes ocorrendo na atualidade.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO, Juan. **Como fazer histórias em quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.
- ARAUJO, Denise Castilhos de. **Da análise estrutural de histórias em quadrinhos à manifestação crítica de seus autores**. São Leopoldo, 1997. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - UNISINOS, São Leopoldo, 1997.
- BIBE-LUYTEN, Sonia M. **O que é História em Quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: editora brasiliense, 1987. 88 p.
- CAGNIN, Antonio Luis. **Os Quadrinhos**, São Paulo, Ática, 1975.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, paixão e sedução**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CIRNE, Moacy. **História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros**. Rio de Janeiro, Funarte, 1990.
- COELHO, Gernano. **História do Movimento de Cultura Popular**. Recife: Edição do autor, 2012.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 155 p.
- FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em Ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.
- IANNONE, Leila Rentroia, IANNONE, Roberto Antônio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.
- GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1932-1964**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.
- OCTÁVIO, José. **História da Paraíba, Lutas e Resistência**. 3a ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1996. 279 p.
- MAGALHÃES, Henrique. **A incrível história dos quadrinhos: 20 anos de HQ da Paraíba**. João Pessoa: Sancho Pança, 1983.
- MAGALHÃES, Henrique (org). **A terceira onda**. 2ª ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 1997.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 231p.

McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

QUELLA-GUYOT, Didier. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, Emilson; RIBEIRO, Emir. **História da Paraíba em Quadrinhos**. 2ª Ed. João Pessoa: Edição do autor, 2011. 131p.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Estudando a História da Paraíba: uma coletânea de textos didáticos. [Livro eletrônico] / Eliete de Queiroz Gurjão, Damião de Lima (Organizadores). - Campina Grande: EDUEPB, 2021.

Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil [livro eletrônico] / Waldomiro Vergueiro. - São Paulo: Peirópolis, 2017.

Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil/ Organização Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Nobu Chinen. – 1 ed. – São Paulo: Criativo, 2013. 80p.

[Plataforma pró-livro | Retratos da Leitura no Brasil \(prolivro.org.br\)](http://prolivro.org.br) acessado em 10/07/2022 às 22:04.